

Metodologia de Análise de Conjuntura

Luiz Eduardo Prates da Silva

Introdução

Este texto tem por base anotações tomadas em um seminário com este título realizado na Faculdade de Teologia da IECLB, dias 21 e 22 de maio do corrente. Assessorou o seminário o sociólogo Luiz Inácio Gaiger, do CECA. Acrescentamos alguns pontos e desdobramentos onde, pela natureza do seminário, não foram desenvolvidos mas que se tornam necessários em um texto para publicação.

Uma primeira observação que se faz necessária é que a análise de conjuntura nunca é neutra ou desinteressada. Ela expressa um esforço de compreensão de uma determinada realidade, mas sempre pressupõe um posicionamento assumido previamente. Assim alguém poderá fazer uma análise com a finalidade de justificar a manutenção do chefe do executivo ou a adoção de um governo forte com o objetivo de abafar manifestações de descontentamento... Este não é o nosso caso. O método aqui exposto parte de uma avaliação crítica com relação à ordem vigente e, portanto, da necessidade de transformação da mesma. Pugnamos por mudanças na sociedade brasileira, não apenas conjunturais mas estruturais, no sentido de torná-la mais eqüânime economicamente e mais participativa politicamente. Porém, a mudança estrutural pressupõe um processo muito lento de organização popular, capaz de criar uma contra-hegemonia à dominação capitalista. A análise de conjuntura e a formulação de táticas acertadas terá um papel fundamental neste processo.

A partir deste ponto de vista, ela significa um instrumento que deverá ser bem manejado por aqueles que sofrem a opressão e a exploração, especialmente os trabalhadores e seus aliados de classe. Por este mesmo motivo a análise não deve ser um exercício solitário (ainda que

se possa fazê-la desta forma como finalidade acadêmica), mas deve ser feita em grupo, no qual todos possam participar, manifestando seus pontos de vista, “puxando” a análise para a realidade concreta e ampliando sua abrangência e objetividade.

O ponto fundamental da análise deverá ser uma avaliação da realidade com a finalidade de fornecer elementos para um julgamento das práticas assumidas pelo grupo no sentido de sua pertinência e eficácia transformadora. Objetiva, ainda, traçar as táticas que esta realidade requer. Por isso, ainda que a análise não seja neutra, ela deverá ser objetiva. Ou seja, não poderá privilegiar ou escamotear um ou outro elemento da conjuntura por mais importante ou incômodo que seja, na tentativa de “forçar” a realidade, com a finalidade de adequá-la nessa teoria. Fazendo isso estaríamos tornando a análise panfletária e seus resultados, em termos de práticas a serem assumidas, pouco eficientes.

O método aqui exposto tem como pressupostos: **teóricos** — os desenvolvimentos das ciências sociais críticas da sociedade capitalista; e **práticos**: reuniões, cursos e seminários promovidos e/ou assessorados pelo CECA com agentes de pastorais e de movimentos populares.

Os exemplos citados no decorrer do texto foram tirados da própria análise que se faz no seminário como exercício do método estudado.

I. Estrutura e Conjuntura. O que é conjuntura?

Pode-se estudar a sociedade a partir da estrutura social ou da conjuntura.

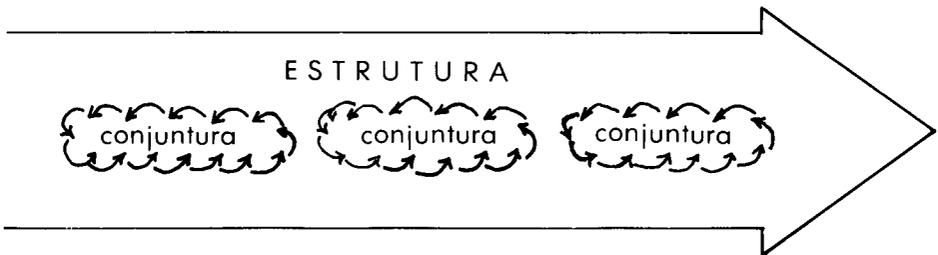
A estrutura refere-se às determinações econômicas, políticas e culturais de cada formação social, caracterizadas como modo de produção. Parte-se da compreensão de que a maneira como se produz os meios essenciais à vida (alimento, vestuário, moradia, etc.) determina a forma como se organiza a sociedade. Na sociedade capitalista em que vivemos, por exemplo, verifica-se que alguns possuem os meios de produção (indústrias, terras) e que outros possuem unicamente sua força de trabalho. Assim, a análise das classes sociais compõe a análise estrutural. Verifica-se, por outro lado, que aqueles que detêm os meios de produção são também os que controlam o Estado e que para isto se organizam como forças políticas que sofrem oposição das forças políticas daqueles que são explorados. A caracterização e composição do Estado e dos partidos políticos são também partes da análise estrutural.

A análise de conjuntura refere-se à inter-relação destas diversas forças (sociais, políticas, económicas) em um sistema e em uma situação histórica determinados. Privilegia-se aqui as idéias de determinação histórica (lugar e tempo definidos), dinamicidade (os elementos não são estáticos mas se interagem) e de totalidade (nada tem sentido em si mesmo, mas na interrelação do conjunto). Pode-se definir, portanto, a conjuntura como a correlação de forças num determinado sistema (estrutura) segundo interesses próprios.

A estrutura refere-se aos elementos mais estáticos e a conjuntura aos elementos mais dinâmicos. Em um exemplo ilustrativo, ao falarmos de estrutura referimo-nos ao "edifício social" através dos elementos que mantém o edifício em pé: alicerces, colunas, paredes principais, ou seja, as partes que não podem ser mudadas a menos que se modifique o edifício como um todo ou que se o destrua.

Por outro lado, falamos de conjuntura quando nos referimos a este mesmo edifício nas partes que podem ser modificadas sem prejuízo do todo (ou com pequenas alterações): paredes internas, janelas, portas, etc., que podem ser modificadas sem colocar imediatamente em risco o edifício como um todo. Como todo o exemplo, este também é imperfeito: a estrutura social também se movimenta mas muito lentamente em relação à movimentação conjuntural.

Graficamente poderíamos exemplificar da seguinte maneira:

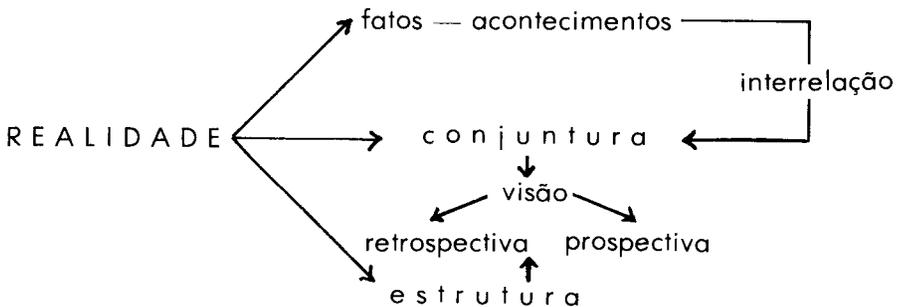


No dizer de Grzybowski conjuntura "são momentos específicos de uma sociedade que decorrem do modo como se combinam as propostas, as intervenções, as ações, enfim, a vontade política dos diferentes agentes sociais, com as possibilidades oferecidas pelas suas respectivas bases objetivas de existência".

Deve-se, contudo, estar atento para o perigo de uma análise superficial. Analisar uma conjuntura determinada não significa apenas

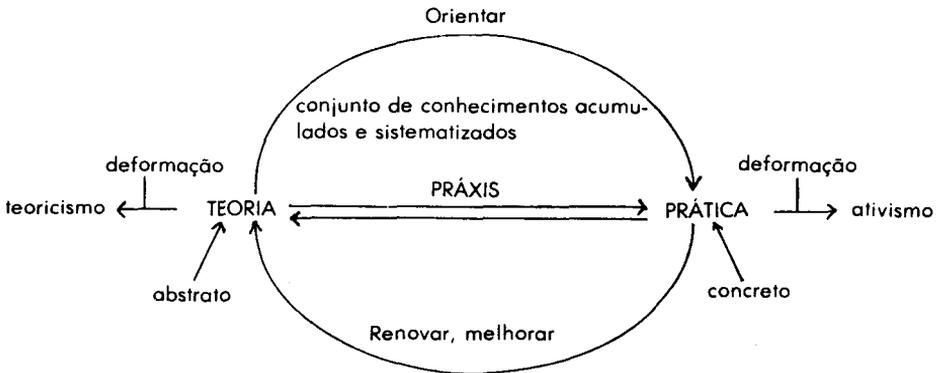
enumerar fatos ou notícias de que se tenha conhecimento. É preciso relacioná-los ao conjunto da sociedade ou então verificar a razão de sua existência a partir de uma visão retrospectiva da sociedade ou, ainda, traçar uma prospecção de suas conseqüências. Ou seja, temos que analisar o que está atrás dos fatos. Muitas vezes, inclusive, os fatos poderão "esconder" determinadas correlações. Deter-se neles, neste caso, significa prejudicar todo o trabalho ou cair apenas em uma visão propagandista de acordo com nossos interesses. Deve-se evitar, também, ficar simplesmente em uma visão dicotômica da realidade, baseada nas duas classes fundamentais: trabalhadores e burguesia. Deve-se partir das lógicas diferentes correspondentes a cada uma dessas classes. Mas, é preciso ter em conta que a realidade é muito mais complexa. Ficar na análise dicotômica pode levar a uma análise de estrutura. Em termos de conjuntura, contudo, pode cair numa análise de "preto e branco", ou seja, os que são a favor da classe operária (os trabalhadores) e os que são contra (os burgueses). Essa análise não acrescenta nada de novo e dificulta visualizar setores ou frações de classe que não se enquadrariam nesta visão. Por exemplo, dificulta a compreensão do complexo papel da classe média no processo brasileiro.

Assim, pode-se esquematizar da seguinte forma:



II. O Método e suas Etapas

Como dissemos, deve haver uma inter-ligação entre teoria e prática, que poderia ser demonstrada pelo seguinte esquema:



As etapas do método, a partir daí poderiam ser:

- 1º. Definir o objeto e os objetivos
- 2º. Fase da descrição ou pesquisa
- 3º. Explicitação dos pressupostos de análise
- 4º. Análise propriamente dita
- 5º. Síntese
- 6º. Repercussões sobre a prática.

1ª FASE

Definir o objeto e o objetivo

Objeto: definir a conjuntura, ou seja, o local e o tempo que se quer analisar. Exemplo: o Brasil desde o final de 1986 até hoje.

Objetivo: análise econômica, política, eclesial, etc. Exemplo: análise econômica e política do Brasil no período.

2ª FASE

Descrição ou pesquisa

Colocar em nossa presença todos os fatos e acontecimentos que ocorreram no período e que podem encerrar um sentido em relação à

análise. Traçar um panorama, uma visão do quadro geral. Quando se faz a análise em um grupo, uma boa técnica é fazer uma “tempestade” de idéias. O grupo é então desafiado a relacionar acriticamente todos os acontecimentos ocorridos no espaço e tempo determinados no ponto 1. Se o grupo for pequeno poderá fazer o exercício em conjunto. Se for um grupo maior, recomenda-se que seja subdividido em pequenos sub-grupos que favorecerão a participação de todos.

No exemplo a que nos referimos o grupo foi subdividido em quatro sub-grupos e o resultado do trabalho foi uma listagem de 38 acontecimentos significativos no panorama econômico-político brasileiro.

Uma vez colocados no quadro todos os itens levantados pelos participantes, pode-se fazer algumas observações:

1º — esses fatos nos dão uma visão das nossas fontes de informação — aqui temos uma pista para uma reflexão interessante com o grupo. Deve-se ter o cuidado, no entanto, de não desviar demais do assunto principal perdendo muito tempo.

2º — Verificar quais as áreas onde houve maior deficiência de informações. Complementar o trabalho.

3º — Detectar o clima que estamos sentindo: pessimismo, frustração, esperança, mais fatos negativos do que positivos, etc.

4º — Uma primeira tentativa de sistematização: procurar detectar as linhas ou eixos principais revelados pelos acontecimentos que estão aglutinando mais as forças sociais (os que se relacionam com mais número de fatos).

É a partir disto que se definirá os cenários (4ª etapa).

3ª FASE

Explicitação dos pressupostos de análise

Deve-se iniciar por verificar se temos uma base comum, que sirva como patamar mínimo para a análise. Por exemplo: todos temos claro como está estruturada a sociedade? Se esta questão não estiver muito clara para o grupo, ou para alguns, deve-se iniciar uma análise da estrutura.

A seguir deve-se escolher e explicitar os paradigmas de visualização da sociedade que temos.

Por exemplo:

— Visão de equilíbrio harmonia _____ funcionalismo

— Peça de teatro (atores principais, figurantes, enredo, etc.) _____

_____ interacionismo

— Campo de batalha (guerra de movimento, de posição, inimigos, aliados, hegemonia, contra-hegemonia, etc.) _____

Gramsci (marxismo).

No nosso caso temos optado pelo paradigma gramsciano, que apresenta, sobre os outros, a vantagem de basear-se em conceitos sociológicos, favorecendo a explicitação da análise.

Segundo Gramsci, para compreendermos uma sociedade precisamos estudar cinco elementos que a compõem:

1º — Composição e fração hegemônica do **bloco de poder**.

O bloco de poder é aquele que tem o poder direto (burguesia industrial, agrária, financeira). Sua fração hegemônica é uma fração desse bloco que consegue impor à sociedade seus interesses (de acumulação...) de tal forma que a sociedade os aceite como se fossem os seus próprios. A fração hegemônica nem sempre se expressa através de um partido político. Por isso temos que relacionar sempre as forças políticas com as forças sociais.

Dentro do bloco do poder há contradições, resultantes de interesses parcialmente divergentes. É importante termos clareza neste ponto porque, caso contrário, podemos pensar que sempre que o bloco do poder racha isso se deve à pressão popular. Às vezes as dissidências devem-se a brigas internas.

2º — Estado de construção do **bloco popular**.

O bloco popular são as forças sociais e políticas que se colocam frontalmente contrários à dominação, representando a maioria explorada da sociedade.

Temos que examinar a sua composição, o acúmulo de forças que representa, etc.

Para exemplificar:

— forças sociais = campesinato, proletariado, etc.

— forças políticas = grupos que têm um projeto político autônomo.

Podemos perguntar: aquele proletariado industrial está integrado em um projeto político com forças próprias? Pode ser que ele represente uma força social expressiva com força política fraca ...

3º — Condições da sociedade política.

Temos que perguntar: que caráter tem este sistema de decisão (qual a forma do estado)? Que poder tem o executivo frente ao legislativo? Qual o grau de independência do judiciário? O poder é mantido pela força ou pelo consenso?

4º — As condições em que se encontra a sociedade civil.

A pergunta importante aqui é: Como está a organização das forças sociais? Neste campo, a circulação das idéias, a veiculação das ideologias ganha especial relevância. Por isso temos que verificar como estão a escola, a igreja, a arte, a cultura, os centros de formação, etc. Quem é que controla estes organismos: o poder? Ou quem é excluído do bloco de poder?

5º — As condições da luta social

Que caráter tem a luta neste momento? É defensiva (salve-se quem puder) ou ofensiva (pode ser quando um organismo partidário toma o poder)?

Precisamos ver qual é a contradição fundamental do sistema. Por exemplo, temos ainda no Brasil categorias que lutam apenas para serem incluídas no sistema capitalista (para terem carteira profissional e atendidos os mínimos direitos assegurados aos trabalhadores regidos pela CLT). É o caso dos canavieiros do sudeste e nordeste. Esta não é a contradição fundamental. A contradição fundamental é a que expressa a luta pela superação do capitalismo. Porém, temos ainda que nos perguntar de que forma estas "lutas secundárias", digamos assim, contribuem para o desenvolvimento da luta no campo da contradição principal.

Temos que perceber, em torno a essas lutas, qual é o sistema de polarização ou alianças entre as diversas forças. Quem está na luta é o sujeito principal?

Observação: A explicitação dos pressupostos é importante para que o grupo saiba a partir de que pontos de vista se fará a análise. Pode-se explicitá-los através de uma pequena exposição dialogada por parte de quem está assessorando o grupo ou em um exercício de conjunto em

que cada um coloca na roda os elementos teóricos de que dispõe e procura-se enfeixar uma visão comum mínima que sirva como fio condutor para análise. Este último procedimento tem a vantagem de ser mais democrático e participativo, mas exige muita firmeza teórica da assessoria, para evitar um clima de confusão no grupo.

4ª FASE

Análise

Retomando o final da 2ª fase, onde se buscava detectar no material levantado pelo grupo (que deverá estar colocado no quadro de giz ou em papelógrafo) os acontecimentos mais aglutinadores das forças sociais e políticas, define-se os cenários principais da conjuntura, que servirão de portas de entrada na mesma.

Por exemplo: no exercício feito pelo grupo, chegou-se à conclusão de que nos pontos levantados revelavam-se quatro cenários principais:

- dois de ordem econômica:
 - política salarial e
 - política externa
- dois de ordem política:
 - Constituinte
 - governo Sarney.

Uma vez escolhidos os cenários temos que responder a três perguntas sobre cada um deles:

1 — A importância da questão ou o que está em jogo neste campo do combate?

2 — Quais os grupos que estão implicados diretamente neste campo? Sobre cada grupo, temos que ver ainda:

- a) sua composição, seus aliados, é sólido?
- b) os recursos de que dispõe: econômicos, políticos, ideológicos
- c) o projeto que tem.

3 — Quem está levando a melhor e em que medida.

Pode-se dividir o grupo em sub-grupos e cada um deles trabalhar sobre um cenário. O resultado do trabalho sobre cada um dos cenários deverá ser colocado no quadro ou em papelógrafos.

5ª FASE

Síntese

O resultado do trabalho anterior fornece o material para a síntese, na qual se deverá buscar uma visão da totalidade do processo.

Devemos iniciar por estabelecer as inter-relações entre os dados levantados em cada cenário.

A partir daí poderemos identificar o bloco de poder, o bloco popular, etc.

Este esquema poderá ajudar nesta fase:

	composição	fração hegemônica	projeto
Bloco de Poder			
Bloco Popular (ou classes)			

Temos que ver ainda: o momento é de equilíbrio orgânico ou de crise orgânica (situação de instabilidade capaz de possibilitar mudanças significativas)?

Pode-se ter crises orgânicas dentro de cada bloco (por exemplo: a crise orgânica dentro do bloco de poder, representada pela disputa entre PMDB e PFL) ou uma crise geral da sociedade.

Deve-se observar os nuances do processo. Por exemplo, às vezes, uma fração do bloco de poder, para se impor, faz alianças com as classes populares ou frações delas. Ou ainda que nem sempre uma crise econômica resulta em crise política...

6ª FASE

Repercussões que a análise trouxe sobre a prática

Que elementos novos surgiram da análise que deverão modificar nossa prática? Que práticas devemos reforçar por se mostrarem coerentes com o momento? Em síntese: quais são as táticas que a conjuntura exige para realização da nossa estratégia?

Conclusão

Apresentamos aqui uma metodologia de análise de conjuntura que não é a única, mas uma dentre as possíveis. Como dissemos apresenta a vantagem de trabalhar diretamente com a terminologia sociológica e de corresponder à nossa visão quanto à necessidade de superação da ordem capitalista. Tem se mostrado eficiente no trabalho com grupos populares e possibilita uma análise bastante profunda. Esperamos que se possa constituir em uma contribuição a todos que tenham interesse nesta temática e principalmente a pessoas ou grupos que desejem uma percepção mais clara dos diversos momentos conjunturais, para aperfeiçoar suas práticas.

III — Indicações bibliográficas

Alguns livretos populares poderão complementar o que foi colocado aqui (todos com a mesma visão estratégica mas não necessariamente metodológica).

GRZYBOWSKI, Candido. **Método de Análise de conjuntura**, coleção Novas Forças, CECA, São Leopoldo, 1985.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. Coleção Fazer, Vozes/IBASE, 6ª ed., Petrópolis, 1988.

Análise de Estrutura e Conjuntura, Série "Como Fazer". FASE, Recife, s.d. (trata-se de um texto produzido por CELADEC e traduzido e adaptado pela FASE).